



Montoro diz que posições do

JORNAL DO BRASIL

PT inviabilizam acordo

São Paulo — Ariovaldo Santos

BRASÍLIA — O ex-governador Franco Montoro disse que não acredita na possibilidade de um acordo entre o PSDB e o PT, antes mesmo de um encontro que manteria, à noite, com os deputados Plínio de Arruda Sampaio e Luiz Gushiken, do PT, Haroldo Lima, do PC do B, e João Herrmann, do PSB, representantes da Frente Brasil Popular, que apóia Luís Inácio da Silva. "Por onde eles estão caminhando não sei nada", disse. Montoro considera excludentes as declarações de parlamentares da Frente e acha que está havendo resistência quanto a mudanças no programa, condições a seu ver essenciais para a aliança.

Entre as manifestações atribuídas a integrantes da frente que apóia Lula consideradas desastrosas pelo PSDB está a do deputado Haroldo Lima, que em discurso na tribuna da Câmara, à tarde, dividiu os **tucanos** em progressistas e moderados, a exemplo do que ocorre no PMDB. Pouco antes, o deputado José Genoíno (PT-SP) dizia que as negociações seriam apenas com o PDT, PCB e as alas progressistas do PSDB e PMDB. "É preciso saber se eles querem mesmo ganhar a eleição ou se pretendem apenas marcar posição", rebateu o deputado Jaime Santana (PSDB-MA).

A posição de Genoíno, que não poupou nem mesmo o deputado Ulysses Guimarães — "não nos interessa seu apoio", disse —, dificulta a possibilidade de o PSDB influir no programa da Frente. "Eleição em dois turnos impõe a negociação entre o mais forte no primeiro turno e os que ficaram de fora. Sem isso, não faz sentido imaginar alianças", disse o senador Mário Covas, que acusou a Frente Brasil Popular de ser "inflexível".

Programa — Para Genoíno, Covas não conseguirá levar a Frente a admitir mudanças nos principais pontos do programa. "Há treze pontos inegociáveis, que vão da suspensão do pagamento da dívida externa, com auditoria e negociação em bloco dos países devedores, até a reforma agrária ampla e a desprivatização do Estado, passando por uma reforma financeira e o combate à corrupção", disse Genoíno. "É muita rigidez", comentou Mário Covas.

De acordo com um parlamentar do PSDB, as posições assumidas pela frente

que apóia Lula serve aos que no PSDB defendem neutralidade em relação à disputa do segundo turno. Ainda segundo esse parlamentar, a própria Frente está oferecendo argumento para o PSDB escapar da acusação de omissão caso opte por ficar neutro.

Essas posições da Frente, que também faz restrições ao apoio do PMDB, já começam a estimular a disseminação de uma tese antes condenada nos dois partidos: a de que os partidos que sustentam a candidatura de Lula não desejam concorrer no segundo turno para vencer, mas só marcar posição. Muitos parlamentares faziam essa afirmação ontem, dizendo-se perplexos com o comportamento de Lula. "Se não tem pólvora, não tem guerra", resumiu o senador Mário Covas, ao reclamar uma iniciativa da Frente Brasil Popular na direção de um entendimento.

Desconfiança — O PDT também parece desconfiar das intenções da Frente Brasil Popular. No encontro ocorrido ontem entre os deputados Luís Salomão, Brandão Monteiro e Vivaldo Barbosa, do PDT, e Plínio de Arruda Sampaio e Luiz Gushiken, do PT, João Herrmann, do PSB, e Haroldo Lima, do PC do B, os brizolistas perguntaram se a intenção de Lula é ganhar a eleição ou formar uma oposição muito forte ao presidente. Nenhum acordo foi fechado. Ficaram acertados mais alguns encontros para novas negociações.

Na nota oficial resultante da reunião da Executiva Nacional do partido e da baricada, realizada anteontem à noite, que fecha as portas a Collor de Mello e as abre a Lula, recomenda ao Diretório Nacional, que reúne-se sábado, o repúdio ao candidato do PRN "por situar-se em campo oposto ao que é próprio da social-democracia e dos interesses do País", e autoriza o presidente do partido, Franco Montoro, a ouvir as propostas do candidato Luís Inácio Lula da Silva, para decidir sobre a possibilidade de apoiá-lo. "Deixamos a porta aberta a ele. Isso significa que a bola está com a Frente", disse Montoro.

"O PT precisa dizer onde quer chegar. Se quer pular dos 17% obtidos no primeiro turno, para 51%, ou se quer ficar onde está. Se quer ganhar a eleição, tem que abrir-se", afirmou Covas.